

## De onde eu venho, qual o meu passado e o que eu quero para o meu futuro? Memórias e identidades de Luíza Erundina de Sousa (1934 -)<sup>1</sup>

Where do I come from, what is my past and what do I want for my future? Memories and Identities of Luiza Erundina de Sousa (1934 -)

Roger Camacho Barrero Junior

Doutorando em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

r.cb.j@hotmail.com

Recebido em: 26/10/2019

Aprovado em: 21/12/2019

**Resumo:** Memória e Identidade são conceitos que em geral andam juntos. Ao se perceber como mulher, trabalhadora, migrante e militante política, o sujeito articula suas vivências por meio daquilo que lembra (e de como lembra). Nesse sentido, a manutenção de práticas também é decorrente desse processo de articulação, mas num âmbito coletivo. Se afirmando como alguém pertencente a um grupo, a pessoa pode retomar aquilo que lhe foi transmitido pela família, amigos e vizinhos para se diferenciar de seu entorno e se inserir em outros espaços. Os olhares externos são igualmente formadores de pertencimentos. Na medida em que o indivíduo é reconhecido como o outro, ele pode reforçar sua origem, performando hábitos que considera próprios do local (ou grupo) de onde veio. Esse artigo é uma versão corrigida de um texto apresentado no Trigesimo Simpósio Nacional de História, no ano de 2019. Seu objetivo é analisar como Luíza Erundina de Sousa (1934 -) articula suas experiências de gênero, classe e origem para se compreender como uma mulher, migrante, trabalhadora e militante.

**Palavras-chave:** Trajetórias de Vida; Gênero; Memória.

**Abstract:** Memory and Identity are concepts that are often put together. When a person realizes herself as a woman, worker, migrant or political militant, she articulates her experiences through memories (and how she remembers it). In this sense, the maintenance of practices is also due to this articulated process, but in a collective sphere. Asserting oneself as part of a group, people can remember things that were transmitted by family, friends and neighbors to differentiate themselves from their surroundings and insert themselves into other places. The external views are also formers of identities. As one is recognized as another, people reinforce their origins,

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão resumida da seção *Migrar, trabalhar e estudar. Sempre! Luíza Erundina de Sousa*, a qual pertence ao primeiro capítulo de minha tese de doutorado (ainda em construção). Ele também é uma correção do texto *Quem sou eu? Nordestina, mulher, trabalhadora e militante: identidades e escritas de si nas memórias de Luíza Erundina de Sousa (1934 -)* apresentado no 30º Encontro Nacional da ANPUH (Recife, 2019). Esta pesquisa é orientada pelo professor doutor Benito Bisso Schmidt e é financiada pela CAPES.

performing habits considered as particular of places (or groups) from where they came. This article is a corrected version of a text presented at the 30th National Symposium of History, in 2019. Its aim is to analyze how Luíza Erundina de Sousa (1934 -) articulates her experiences of gender, class and origins to understand herself as a woman, migrant, worker and militant.

**Keywords:** Life Trajectories; Gender; Memory.

## Introdução

Luíza Erundina de Sousa nasceu na cidade de Uiraúna (PB) no dia 30 de novembro de 1934. Filha de dois trabalhadores (Antônio Evangelista de Sousa e Enedina de Sousa Carvalho), é uma dentre os dez filhos do casal. Migrou mais de uma vez quando era criança devido à seca e morou com sua tia, Lindarosa, vindo a concluir o colegial e trabalhar como vendedora. Anos depois, foi professora e trouxe parte de sua família para morar consigo em Campina Grande (PB), permanecendo ali até 1964 (quando seu pai faleceu). Mudou-se para João Pessoa (PB) e transferiu-se da Escola de Serviço Social de Campina Grande para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Defendeu sua dissertação de mestrado na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP) no ano de 1969. Retornou ao seu estado no ano seguinte, mas devido a ameaças políticas optou por voltar à capital paulista no ano de 1971. Reinstalada na cidade, ela se tornou funcionária pública municipal, em 1973, e conseguiu um emprego como professora nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) (1973-1982). Posteriormente foi eleita presidenta da Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo (APASSP), cargo que ocupou entre 1978 e 1981, e participou da greve dos servidores municipais de 1979.

Luíza filiou-se ao PT em 1980 e foi eleita vereadora em 1982, deputada estadual em 1986 e Prefeita de São Paulo em 1988. Ainda foi nomeada pelo Presidente Itamar Franco<sup>2</sup> como Ministra da Administração Pública Federal, em 1993, e concorreu ao Senado em 1994. Tentou voltar ao cargo de prefeita em 1996, 2000 e 2016, mas não conseguiu. Em 1998 desligou-se do PT e filiou-se ao PSB. Nesse ano, ela se tornou deputada federal e reelegeu-se consecutivamente em 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018. Nesse ínterim, ela saiu do PSB e ingressou no PSOL (2016). Contudo, nosso objetivo aqui não é realizar uma narrativa detalhada da vida dessa mulher tão conhecida no tempo presente, mas analisar suas memórias e como ela articula suas experiências de gênero, classe e origem para construir sua autoimagem, o que nos faz refletir, por meio de um

---

<sup>2</sup> Itamar Franco (1930 – 2011) foi Presidente da República entre 1992 e 1995. Era vice na chapa de Fernando Collor de Mello, mas após o impeachment deste, assumiu o posto. Seu ministério era composto por sujeitos oriundos de diferentes partidos. O aceite de Luíza para o cargo gerou atritos entre ela e a liderança do PT.

caso específico, sobre a atuação política de outras mulheres da segunda metade do século XX. Após tais considerações, voltemo-nos para autoras(es) e conceitos que norteiam este artigo para, em seguida, partirmos para a análise propriamente dita.

Ao tratarem da memória, Alistair Thomson (1997) e Michael Pollak (1989; 1992) nos fornecem uma gama conceitual pertinente para as nossas reflexões. O primeiro diz que uma pessoa compõe sua memória na medida em que entra em contato com lembranças de pessoas com vivências semelhantes às suas, reconhecendo-se nelas e reformulando, conseqüentemente, suas próprias recordações e identidades. Michael Pollak (1989) diz que a memória é enquadrada com base em uma seleção de fatos e/ou traços para atender a interesses e necessidades individuais ou coletivas e assim construir e preservar imagens sobre um fato ou período. Esta análise ajuda-nos, inclusive, para pensar as fontes (orais e relatos escritos) utilizadas neste artigo. O autor também mostra que a memória pode se solidificar e que esta pode revelar que fatos se tornaram essenciais na construção de identidades pessoais e coletivas (POLLAK, 1992).

Como o assunto envolve a História Oral, devemos apontar para os estudos que norteiam nossas análises. Primeiramente, citamos Alessandro Portelli (1997), o qual alerta para o fato de que essas fontes são diferentes de outros documentos por serem construídas pela oralidade e pela relação entre quem narra e quem entrevista. Cléria Botelho da Costa (2014) e Janaína Amado (1996) mostram que as referências com as quais uma pessoa teve contato em sua vida moldam a sua narrativa, interferindo na maneira como constroem seus pontos de vista e visões de mundo.

A memória também é o material para a gestação das escritas de si. De acordo com Angela de Castro Gomes (2004), os sujeitos não são uma reprodução fiel daquilo que narram e muito menos um resultado das reflexões que surgem desse exercício, o que nos ajuda a entender que devemos ter o cuidado de separar experiência e lembrança. No caso deste artigo, a ideia é nos debruçarmos sobre as memórias e as identidades de Luíza, as quais seriam fruto daquilo que a assistente social viveu em diferentes momentos de sua vida e das diversas temporalidades presentes no processo de sua reformulação.

No que tange as relações entre indivíduo e sociedade, Pierre Bourdieu (2009) escreve sobre os “campos”, os quais seriam construídos a partir de trocas simbólicos (e não apenas das relações objetivas entre os indivíduos). Cada campo criaria regras próprias e moldaria suas hierarquias a partir de capitais, os quais teriam utilidade em certos espaços, mas não em outros (como a academia, a política ou a religião). Contudo, os campos não são totalmente autônomos,

mas sofrem a interferência de outros. Bourdieu (2015) também alerta para o risco de naturalizarmos o que ele chama de *ilusão biográfica*. Ele escreve que as pessoas partem de uma noção essencialista de suas vidas para lhe dar um sentido e poder assim compreender a si mesmo. Sendo assim, expressões como “desde que nasci” ou “desde sempre” dariam uma sensação de homogeneidade para uma trajetória, o que deve ser lido com cautela por quem estuda uma vida. Outro autor, Gilberto Velho (1999), mostra que os sujeitos constroem projetos para alcançar determinados fins, mas que eles são limitados a um campo de possibilidades delimitado social e temporalmente. De acordo com o antropólogo, as pessoas ainda metamorfoseiam seus planos na medida em que tomam contato com outros sujeitos e situações, mostrando-nos que os indivíduos não podem ser entendidos como entes apartados do seu entorno social.

Por fim, tratamos de gênero e citamos Joan Scott (1991). De acordo com a autora, as relações binárias de gênero não dão conta de explicar a diversidade de experiências presentes entre homens e mulheres, pois existem diferentes masculinidades e feminilidades. Nesse sentido, uma mulher que é mãe e casada seria vista de uma maneira diferente de uma outra solteira e sem filhos. Tais representações geram hierarquias sociais e conseqüentemente barreiras ou aberturas para os projetos dessas pessoas. Lia Vainer Schucman (2012) mostra como as diferentes posições de branquitude são construídas, dentre outras questões, pelo gênero, pela estética e pela classe. Partindo dessas ideias, seriam delegadas certas características às mulheres brancas (como um fenótipo europeu e um capital econômico expressivo) e aquelas que não atendessem a esse padrão estético e econômico teriam menos possibilidades de inserção social.

### **Luíza: Uma mulher, sua escrita de si e seus campos de possibilidades**

Sou migrante. Esta é a trajetória de minha vida. Minhas raízes estão arraigadas na terra seca do Nordeste brasileiro, no Estado da Paraíba, na cidadezinha de Uiraúna, onde nasci. Desde pequena, com toda a família, vivenciei a experiência dos retirantes que fogem do flagelo da seca, ainda endêmico na região. A primeira vez foi em 1942, quando minha família emigrou de Uiraúna para Crato, no Ceará (...). Os homens, meu pai à frente, andavam a pé, assim como minha mãe. Nós, as crianças, na sela dos burros em meio às malas. De noite tinha medo do escuro e também do passo muito lento de nossa caravana. De dia, padecia de calor e de sede, mas não chorava: aos oito anos de idade já sabia que não adiantava chorar (...). Lembro-me de que aos cinco ou seis anos já era capaz de observar esses sinais da natureza: o horizonte, os pássaros, o calor do sol, a intensidade do vento; tomava parte da ansiedade da pequena comunidade; havia as procissões, levavam-se estátuas de santos de casa em casa, faziam-se novenas: se não aparecessem os sinais propícios, iniciavam-se os preparativos para o êxodo. (BIMBI, 1996, p. 21)

Luíza inicia um relato concedido a Linda Bimbi<sup>3</sup> dessa forma. Lembrando que uma produção autobiográfica não é costurada por um único sujeito, entendemos essa fonte como um relato de vida e que, mesmo transcrita por outros, auxilia a refletir sobre a forma como Luíza se apresenta (LEJEUNE, 2014, p. 133). Nesse texto, a narrativa é iniciada pela seca, que se torna elemento central. Tal representação, contudo, não é exclusiva de Luíza, mas está presente na fala de outros sujeitos. Durval Muniz Albuquerque Junior (2011) escreve que esse traço foi atribuído em diferentes momentos aos estados do nordeste, auxiliando a formação de uma unidade imagética sobre a região. Assim, dentre as diversas vozes que a constituíram, os grupos tradicionalistas ressaltavam características físicas e climáticas, a fim de distinguir o nordeste do restante do Brasil. Ele ainda explica que os Romances de 30 contribuíram para a circulação e absorção dessas imagens e que músicas e cordéis serviram igualmente para esse propósito (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 128). Muito das referências a que Luíza teve acesso veio daquilo que ela viu e ouviu em sua infância e juventude, o que incluiria referências como as acima citadas. Sobre os cordéis, Robson William Potier (2012, p. 18 – 19) escreve que essas poesias passaram a ganhar uma circularidade maior na primeira metade do século XX devido à ampliação do mercado gráfico, ganhando espaço nas feiras de cidades do sertão nordestino. Dentre os seus autores, João Athayde<sup>4</sup> foi quem teve maior divulgação. Em um de seus cordéis ele escreve:

Se finda o mês de janeiro  
E ninguém ouve trovão  
O sertanejo não tira  
O olho do matulão. (ATHAYDE, 2000, p. 195)

Athayde narra um sertão atacado pela seca e reforça a resistência do trabalhador sertanejo e de sua relação com a natureza. Muito dessa imagem aparece também em *Asa Branca* (1947), de Luiz Gonzaga<sup>5</sup> e Humberto Teixeira,<sup>6</sup> música com ampla circulação nas capitais e no interior do nordeste (CALLADO, 2013). Em sua letra, o cantor e compositor declama:

Quando *oié* a terra ardendo  
Qual fogueira de São João

---

<sup>3</sup> Linda Bimbi (1925 – 2016) foi uma freira italiana que teve atuação em movimentos em defesa dos direitos humanos no Brasil. Atuou como jornalista e construiu laços de amizade com Luíza Erundina de Sousa no decorrer de sua militância e gestão como prefeita de São Paulo.

<sup>4</sup> João Martins de Athayde (1880 – 1959) foi um poeta e cordelista paraibano que teve grande circulação no interior e nas capitais nordestinas a partir da década de 1940. Tinha origem sertaneja.

<sup>5</sup> Luiz Gonzaga do Nascimento (1912 – 1989) foi um cantor e compositor pernambucano que produziu canções sobre o sertão e seus habitantes. Escreveu *Asa Branca* em 1947 e teve grande visibilidade no Nordeste e em outras regiões brasileiras.

<sup>6</sup> Humberto Cavalcanti Teixeira (1915 – 1979) foi um político e cantor cearense. Participou da composição de *Asa Branca* em 1947. Produziu canções para diferentes cantores de diferentes estados do Brasil.

Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação (...)  
*Inté* mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
*Entonce* eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração (GONZAGA; TEIXEIRA, 1947)

Tanto no cordel quanto na canção, a imagem do sertanejo, da seca e da natureza compõem a imagem do cotidiano sertanejo. O relato de Luíza parte de um olhar semelhante para narrar a sua história e a de sua família. Como bem lembram Cléria Botelho da Costa (2014) e Janaína Amado (1996), a(o) pesquisadora(or) deve atentar para os repertórios que um indivíduo construiu no decorrer de sua vida e como eles servem de matéria para a formação de sua memória e de interpretações sobre certos fatos, pessoas e processos. Apesar de tratarem de uma metodologia da História Oral, as professoras fornecem subsídios para pensar as lembranças transmitidas por meio de outros suportes. Assim, a fala de Luíza não é uma representação *stricto sensu* de seu passado, mas um constructo realizado por meio daquilo que ela teve contato antes, durante e depois dos acontecimentos narrados. Portanto, o que nos chama atenção aqui não é se essas lembranças condizem ou não com o que foi narrado, mas como elas nos ajudam a refletir sobre as diferentes temporalidades de uma vivência, a subjetividade delas e o seu impacto em uma escrita de si.

Os fatos lembrados por Erundina tratam do período inicial dos deslocamentos coletivos para o sudeste (FONTES, 2008). Para além da seca, essas pessoas partiam em busca de emprego e em decorrência da expansão latifundiária no campo, sendo atraídas para metrópoles próximas e, posteriormente, para outros estados (FONTES, 2008). Um dos polos de recepção acessível à família Sousa era a cidade do Crato (interior do Ceará). De acordo com Ronald Albuquerque Filho (2015), os rios dessa região atraíam pessoas em busca de água em períodos de seca. Ele ainda mostra que a noção de que a cidade seria um local de chegada foi reforçada por memorialistas locais, fomentando a busca por trabalho e moradia. Tais imagens podem ter circulado entre os moradores de Canaã/Uiraúna e contribuído, conseqüentemente, para a construção de imaginários coletivos locais. Eles foram somados ao fato de que as duas regiões eram relativamente próximas, influenciando na escolha do local pelos genitores de Luíza. Essas representações surgem também em outros momentos, como em uma entrevista:

Nasci numa cidadezinha do serão da Paraíba, chama-se Uiraúna, no dia 30 de novembro de 1934. Sou filha de uma família numerosa, eram dez irmãos. Dois morreram ainda criança, e nós oito, de uma certa forma, fomos nos espalhando pelo país afora porque, a cada seca que tinha no Nordeste, minha família

migrava e meus irmãos mais velhos iam ficando nos lugares para onde a família tinha ido (...). Meu pai era agricultor, mas durante o período de inverno, de plantio e de colheita, é que ele trabalhava na roça. Nos meses que não tinha atividade na roça, ele se dedicava à atividade artesanal; trabalhava com couro. Era um artesão, trabalhava muito bem o couro: fazia sela para animais, arreios.... Tinha fama de que as selas que fazia não machucavam os animais. E ele fazia o processo inteiro: ia pegar madeira para fazer o suporte da sela, curtiá o couro para poder fazer a montagem da sela etc. (...) (SOUSA, 2002, p. 1)

Nos casos aqui apresentados, a migração é o ponto de partida de Luíza. Ao recordar, ela expõe como tais fatores interferiram em sua família, separando seus membros. Ao solidificar (POLLAK, 1992) a migração em suas memórias, Luíza reforça sua imagem de sertaneja e migrante. Como essa fala foi realizada após sua chegada a São Paulo, ela já havia ouvido relatos semelhantes, ou não, aos seus sobre a seca e as dissoluções familiares, compondo suas memórias e renovando assim seus próprios pertencimentos (THOMSON, 1997). De acordo com Paulo Fontes (2008), era comum os membros de uma família partirem aos poucos, instalando-se nas grandes cidades para depois trazer outros familiares. Nesse processo, formavam-se redes de solidariedade entre amigos e parentes.

Mas voltando ao relato acima posto, os genitores de Erundina ganham destaque logo no começo da narrativa. Percebendo-os como trabalhadores, ela entende que a condição social de sua família foi decisiva para a formação do seu senso crítico. Sobre tais pontos, Albuquerque Junior (2011, p. 208 – 209) escreve que a seca aparece na fala de intelectuais como forma de ressaltar um sentimento de revolta sobre a população rural dos estados do nordeste. Segundo o autor, tal perspectiva ainda diria que os problemas climáticos, a carência de regiões do interior e a repressão imposta pelos coronéis estimulariam essa rebeldia.

Além do mais, Erundina se utiliza daquilo que foi transmitido por seus familiares para refletir sobre si e sua origem. Nesse sentido, a troca de percepções acerca do que viveram em conjunto, ou mesmo de fatos que ocorreram antes de seu nascimento (sentidos por Antônio Evangelista e Enedina Carvalho) serviriam de base para a gestação dessas memórias. Mesmo sem negar a contribuição de seu pai, ela abre mais espaço à trajetória de sua mãe, construindo uma narrativa matriarcal acerca de sua família, a qual acaba sendo utilizada para interpretar suas decisões, sua carreira profissional e a sua militância. Em uma entrevista para professoras da FGV ela diz que sua mãe:

(...) era uma mulher muito forte, inclusive para segurar a barra, como se diz, de uma família numerosa, com tantas dificuldades. Era uma mulher muito forte e ajudava meu pai na manutenção da família, trabalhando: fazia bolos, torrava

café e vendia na feira da cidadezinha nos domingos. E fazia todo o trabalho doméstico. Era uma mulher muito forte, muito corajosa. Era o esteio da família, porque meu pai, como artesão, como artista, era uma pessoa muito sensível e, a meu ver, com dificuldade de enfrentar a dureza da vida. Minha mãe é quem dava o suporte, a firmeza, segurava a barra de uma família numerosa (...). Não me lembro de ter tido infância, porque já criança a gente estava ligada aos problemas dos adultos: tinha preocupação se ia chover ou não ia chover. A gente já aprendia a observar o horizonte para saber se tinha sinais de chuva ou não. (SOUSA, 2002, p. 1 – 2)

A narrativa em questão coloca a imagem de Enedina de Sousa Carvalho como o centro da família. A representação de uma mãe forte surge como elemento para a percepção de que suas irmãs e irmãos se apoiariam nesse membro, mesmo sem desconsiderar o trabalho de seu pai, Antônio Evangelista de Sousa. Essa memória matrilinear aparece em outros momentos, como em um texto escrito para a revista *Leia FELC*<sup>7</sup> de Uiraúna – PB:

Falo de Dona Nonossa [sic.], minha avó materna, nossa inesquecível Bavéi. Era assim que nós, seus netos e netas, carinhosamente a chamávamos. Mulher humilde, mas muito respeitada na comunidade pela sua autoridade, sabedoria e bondade com as pessoas, principalmente as mais pobres (...). Muito jovem ainda, numa madrugada fria, fugiu de casa (...). Bavéi era o porto seguro da família. Quando tínhamos que migrar para fugir da seca, ela ficava com parte dos netos, até que a chuva chegasse e a família pudesse voltar (...). Minha avó teve muitos filhos e, o grave, todos eles nasceram sem visão e morreram crianças. Só duas filhas sobreviveram (...), minha mãe Enedina e minha tia Lindarosa (...). Fez uma promessa a Santa Luzia, protetora das pessoas com deficiência visual, que meu nome seria Luzia. No entanto, por engano, o escrivão do cartório escreveu na Certidão de Nascimento o nome Luíza. (...) (SOUSA, 2017, p. 20 – 23)

Suas memórias centram-se em parentes da linhagem materna. No relato acima, Luíza enquadra (POLLAK, 1989) a imagem de sua avó por meio de características como a rebeldia e a coragem, traços muitas vezes atribuídos ao trabalhador sertanejo (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011). Para tanto, ela se utiliza de lembranças transmitidas por sua mãe, avó e tias para interpretar os fatos. A militante dá centralidade à imagem de Dona Nozinha não apenas por se perceber como herdeira de seus hábitos e traços, mas para apresentá-la aos leitores de Uiraúna como um personagem histórico da cidade, preservando assim a sua memória. O relato matrilinear também seria fruto de traços culturais locais que valorizavam a imagem da mãe como protetora da família (VASCONCELOS, 2006, p. 97). Nesse ponto vale salientar que a imagem de seus pais se tornou uma memória solidificada em seus relatos, ajudando-nos a entender como nossa personagem

---

<sup>7</sup> A revista *Leia FELC* é produzida pela Fundação Educacional Lica Claudino desde 2007 na cidade de Uiraúna (PB). Seu público alvo é a população local e ela em publicação anual. Dentre os seus textos há temáticas que vão desde a trajetória de personagens nascidos na região (muitos ainda atuantes), além da história da cidade, eventos culturais e a divulgação daquilo que é ali produzido.

constrói seus pertencimentos e que acontecimentos se tornaram importantes para ela, servindo como elo de coesão com um grupo (aqui no caso os trabalhadores sertanejos) (POLLAK, 1992).

Luíza parte das lembranças e relações afetivas construídas com familiares do sexo feminino para se reconhecer como representante de pautas de gênero/classe e assim compreender os caminhos que trilhou em sua trajetória política. Além do mais, ela se utiliza de lembranças coletivas sobre a migração e o trabalho no campo para interpretar sua origem, podendo assim se identificar como parte de um grupo e dos fatos que narra (POLLAK, 1992). Assim, a migração, as festas e algumas pessoas servem de apoio para a sua memória pessoal e familiar. Nesse processo de gestação de uma escrita de si, outras mulheres acabam surgindo. No relato de vida concedido a Linda Bimbi ela diz:

O estudo passou a ser decisivo, e devo muito a minha professora do primário, dona Palmira, também nordestina e viva até hoje. Uma mulher fantástica que me transmitiu bases sólidas de rigor gramatical. Quando terminei o último ano do primário, meu pai não tinha condições econômicas de me mandar para outro lugar a fim de continuar os estudos (...). A solução veio de tia Tina Rosa, a irmã mais nova de mamãe (...). Essas duas mulheres moravam em uma outra cidade do nosso Estado, Antenor Navarro, sede do município ao qual o nosso distrito pertencia. (...) o inverno de 1947 foi generoso no sertão da Paraíba e continuei os estudos (...). Assim comecei a migrar para estudar. Após algum tempo, minha prima Irene arrumou trabalho em Patos e nos transferimos de novo com ela. (BIMBI, 1996, p. 23 – 24)

As memórias escolares de Luíza também se voltam para figuras femininas. Mesmo sem negar a contribuição de seu pai, ela entende que a possibilidade de ter estudado lhe auxiliou a realizar seus projetos pessoais. Ao tratar deles, a militante traz à tona mais uma vez as suas experiências com a migração. Associando esses fatores à sua trajetória, Luíza reforça identidades com aqueles que tiveram de se deslocar devido à seca, reconhecendo suas motivações como parte dos anseios desses sujeitos e, assim como nos casos anteriores, compõe a sua memória com base naquilo que ouviu dessas pessoas (THOMSON, 1997). Em suas lembranças, a escola aparece como uma ruptura com o período no qual sofreu com a seca. Mesmo assim, as dificuldades com relação à necessidade de estudar não foram silenciadas, pois ela compreende que a possibilidade de permanecer naquele espaço foi fruto da atuação de seus familiares. A representação da migrante nordestina ganha outros traços, porém alguns permanecem na sua fala, como a rebeldia, o deslocamento e os problemas socioeconômicos. Em outro momento ela trata da relação afetiva com Antônio Evangelista de Sousa, o seu pai:

Meu pai era uma pessoa muito sensível e eu tinha uma afinidade muito grande com ele. Ele percebia a minha vontade de estudar (...). Eu tinha uma tia, irmã

da minha mãe, era a única irmã dela. Chamava-se Rosa, e tinha uma filha mais velha, chamada Irene. (...). Então, essa minha tia foi para uma outra cidade onde tinha colégio e essa minha prima, Irene, era quem sustentava a família. Minha tia era costureira, costurava muito bem, mas também tinha uma dificuldade muito grande para manter uma família de oito pessoas. (...). Foi graças a elas que eu estudei (...). E a minha situação na família era uma situação desconfortável, porque eu via que minha tia já tinha dificuldade de manter alimentados os filhos (...). Mas aí, consegui. Terminou havendo inverno naquele ano. Minha tia continuou na casa dela, eu fiz o exame de admissão, e o ginásio. (SOUSA, 2002, p. 3 – 4).

Compreendendo-se como nordestina e migrante, Luíza reforça sua escrita de si como uma rebelde. Entretanto, essa percepção não é algo nato, mas se formou na medida em que ela construiu relações com pessoas com experiências próximas (ou não) às suas (THOMSON, 1997). Lembrando que nossa personagem deu esses relatos após se inserir nos meios políticos, muitos dos repertórios utilizados por ela vieram de um momento pós-chegada a São Paulo. Durval Muniz (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 70–71) mostra que as imagens acerca da população dos estados do nordeste foram gestadas na oposição com o sudeste e o sul e muito do que foi atribuído à região veio igualmente desses polos. A maneira como Luíza foi vista por seus novos vizinhos vinha de referências como essas. Ao estudar outro grupo de migrantes, Regina Weber (2004) escreve que as imagens externas são utilizadas para a manutenção de identidades na medida em que reforçam pertencimentos e performatividades em um território estranho. Nesse sentido, tanto Luíza, quanto muitas (os) trabalhadoras (es) nordestinas (os) poderiam reforçar práticas e costumes como forma de construir um sentimento comum de origem.

Durval Muniz (2011) escreve que a figura do sertanejo foi utilizada tanto para homenagear, quanto para discriminar aqueles que chegavam dos estados do nordeste. Luíza circulou posteriormente na capital paulista e, lembrando que tais concepções poderiam permanecer em parte na sua fala, selecionou alguns de seus elementos e silenciou outros, dando manutenção às suas identidades. Dessa maneira, a assistente social se apropriaria dessas representações para se compreender, ao mesmo tempo em que se reconhece como parte de uma militância. Ela ainda construiu uma parcela do seu capital político a partir da origem regional, pois frequentava espaços com presença expressiva de migrantes. Céli Pinto e Augusta Silveira (2018) escrevem que a experiência profissional e a militância em movimentos sociais foram elementos importantes na construção dos capitais políticos de mulheres presentes em partidos de esquerda no final do século XX. Observando a campanha de Luíza no calor dos eventos, Maria Lúcia Penna (1990) mostra como a origem da candidata serviu para a construção de diálogos com o

eleitorado nordestino (grupo de grande expressão nas periferias paulistanas), ajudando-nos a compreender que as identidades também eram permeadas pela questão da origem.

Erundina rompe com uma imagem viril do trabalhador nordestino ao dar centralidade à atuação de mulheres em sua trajetória. Ao mesmo tempo, ela dissocia essas pessoas da rudeza e da violência, atributos muitas vezes postos sobre esses migrantes para discriminá-los (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011; FONTES, 2008). Ela reconhece seus familiares, amigos e a si própria como nordestinos, afastando-se de certos estereótipos, mas reforçando aquilo que lhe daria uma imagem positiva. Em meio às relações segregadas de gênero, Luíza teria uma abertura maior para se aproximar de outras mulheres e compreender seus problemas, o que foi percebido em um relato de vida transcrito por Linda Bimbi:

O estudo me apareceu então como instrumento para romper o cerco da miséria e o círculo vicioso dentro do qual via aprisionadas as mulheres mais velhas: a seca, a migração, o inverno e o destino de se casar e de ter filhos que seriam, por sua vez, oprimidos pelo mesmo mecanismo implacável. Recusei-me a fazer parte do jogo: queria ser livre para assumir responsabilidades coletivas. (...) (BIMBI, 1996, p. 23).

Ao se colocar como sujeito ativo, Luíza nota, mais uma vez, como a escola lhe deu condições para conseguir modificar sua posição social, porém se identificando como parte daqueles que ainda sofriam com a seca e as opressões de classe. Nas memórias transcritas por Linda Bimbi, ela ainda diz que:

Entendia que o casamento seria uma coisa minha, individual. A escolha feita no início da adolescência foi tão marcante que até hoje exerce influência positiva e negativa na minha vida. Não gosto de falar de renúncia, de sacrifício, pois sei que optei e opto por um fim que me dá uma sensação de plenitude, que me realiza. No entanto, meu caso revela o drama de muitas mulheres. A sociedade brasileira não prepara a mulher para o exercício do poder, não é organizada de modo a deixá-la participar da luta política (...). No Brasil, o machismo vive dentro da mulher e a discrimina; conseqüentemente, surgem os excessos do feminismo, que provocam, por sua vez, um retrocesso do fenômeno na classe média alta. Já as mulheres do povo não conhecem esses excessos porque estão envolvidas prioritariamente nas lutas sociais. Tenho em mente muitas mulheres do PT e de outros partidos que sofreram e sofrem, assim como eu, essa discriminação (BIMBI, 1996, p. 26).

Podendo olhar com distanciamento, Luíza entende que a sua escolha de não se casar seria um ato rebelde. A partir disso, ela se identifica com outras mulheres e ressalta os problemas decorrentes das relações de gênero, estabelecendo uma linha de continuidade entre as experiências de Uiraúna e as de São Paulo. Luíza cursou Serviço Social entre as décadas de 1960 e 1970, num período de discussões em torno do casamento e da maternidade (SCAVONE, 2001),

o que não deixaria de contribuir para formar seus imaginários. Além do mais, nossa personagem teve contato com militantes de grupos de mulheres e feministas no decorrer de sua trajetória no PT, o que igualmente lhe traria repertórios acerca das discussões de gênero. Ao estudar uma cidade do sertão baiano, Vânia Vasconcelos (2006, p. 120–123) mostra que entre as décadas de 1960 e 1980 a percepção sobre feminilidade e maternidade sofreram a interferência dos debates trazidos pelos movimentos de mulheres. Apesar das permanências, muito do que era considerado sacro ou profano se modificou, inclusive moldando as memórias de muitas das moradoras locais entrevistadas pela pesquisadora, as quais podiam recordar de si como rebeldes em meio àquilo que viveram décadas antes.

Da mesma forma, Luíza pôde perceber certas opressões e interpretar sua escolha como um rompimento com expectativas impostas a outras mulheres. Erundina talvez já notasse, naqueles anos, alguns problemas no cotidiano de vizinhas e parentes casadas. Mesmo assim, sua noção de machismo não teria surgido naquele período, mas foi fruto daquilo com o que ela teve contato no decorrer da sua vida. Ao se identificar com outras mulheres, ela se distancia do que considera elitista e critica posturas daquelas que identifica como distantes dos movimentos populares.

### **Luíza e sua cidade natal**

O que está vivo na minha lembrança e que me dá saudade é ver a praça iluminada (...) em pouquíssimas horas da noite, visto que a energia era gerada por um pequeno motor movido a gás ou à gasolina (...) de pouca potência. Acrescente-se a isso outro atrativo, que a gente nunca esquece, era o alto-falante, instalado num dos postos da praça, e que tocava músicas famosas da época, principalmente, músicas românticas, a pedido dos casais de namorados que passeavam na praça (...). O alto-falante abria sua programação diária exatamente às 18 horas, “Hora do *Angelus*”, com a Ave Maria de Gounod (...). A Vila de Belém virou Uiraúna que, por sua vez, entrou na “Era do Rádio”, no início da década de 1940, portanto, antes mesmo de sua independência política que só ocorreu em 2 de dezembro de 1953. (SOUSA, 2018, p. 14 – 15)

Luíza se utiliza de um tom heroico para ressaltar o crescimento do distrito onde nasceu. Canaã é exposta como um lugar onde o ritmo do tempo não seria acelerado. Mesmo assim, essa perspectiva é fruto do contato que teve posteriormente com cidades maiores, como João Pessoa, Recife e São Paulo. Além do mais, ela se utiliza de uma perspectiva que opõe o interior paraibano ao dinamismo das capitais, a qual faz parte da imagem delegada ao nordeste (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011). Essa visão bucólica da região ainda é compartilhada com outros moradores locais:

De repente, dei de sonhar comigo menino, bem ali no mesmo lugar, 30 anos atrás, de calça curta e camisa de meia, olhando embasbacado para as montarias amarradas bem defronte da casa (...). Essa visão da cidade rural encantava-me poderosamente e eu viajava literalmente na maionese pastosa da mente infantil. (GALIZA, 2018, p. 41)

Assim como o relato de Luíza, o texto acima também foi escrito para a *Revista Leia FELC*, de circulação local. O autor buscava relatar sua infância e mostrar como a cidade havia mudado. Em um outro exemplar, uma moradora fez uma homenagem a um artista plástico local dizendo: “Ciro Fernandes nasceu no dia 31 de janeiro de 1942, no sítio Canadá, em Uiraúna – PB. Sua infância foi marcada por pessoas reunidas nas calçadas ouvindo a leitura de cordéis em voz alta.” (JALES, 2018, contracapa). Como as memórias são costuradas no contato com as lembranças de outros indivíduos e grupos (POLLAK, 1992), a visão de Erundina não estaria isenta da influência daquilo que seus conterrâneos compartilhavam entre si. Seja como for, ela foi construída tanto no momento em que ela estava vivendo na região, quanto posteriormente, já instalada em São Paulo. Como a militante tem contato com pessoas oriundas da sociedade uiraunense, ou atuantes em grupos locais, ela compõe e recompõe suas memórias nessas relações (THOMSON, 1997). Seguindo seu texto, Luíza recorda de sua infância e das experiências vividas:

(...) ainda muito criança, no final da década de 1930, lembro-me bem de que a única residência onde tinha um rádio, na Vila de Belém, era a do comerciante Joaquim Henrique e sua esposa Chica de Joaquim, como era conhecida na comunidade, e moravam na rua principal da vila. Às vezes, à noite, alguns vizinhos tinham acesso à casa deles para ver de perto a novidade, que não era o nosso caso, crianças de famílias pobres. Então, começamos a matutar como conseguirmos ter um rádio em nossas casas. Daí, inventamos um meio de realizarmos o nosso sonho de criança: rodar um peão e colocá-lo a girar dentro de uma gaveta fechada e ficávamos a ouvir, maravilhados, o barulho que, por alguns segundos, o peão produzia e, para nosso imaginário de criança, era como se fosse o som de um rádio de verdade. É realmente incrível o que o imaginário de uma criança é capaz. (SOUSA, 2018, p. 14 – 15)

Luíza se reconhece como filha de trabalhadores ao recordar da impossibilidade de ter um rádio em sua casa. Entendendo que havia apenas um comerciante com esse aparelho, ela diz que sua família não estava inserida na elite local. Contudo, ela não teve contato direto com as mudanças pelas quais a cidade passou após a sua emancipação, ocorrida no ano de 1953. Tendo de se mudar para Patos e Campina Grande antes desse processo, Erundina pôde partir daquilo que teve contato posteriormente para compreender e se inserir na história do município. No seu relato algumas tradições são reforçadas para diferenciar Uiraúna das demais cidades paraibanas.

Dentre esses costumes, entende-se que o município seria o principal formador de sacerdotes<sup>8</sup> e músicos<sup>9</sup> da Paraíba. Entretanto, devemos lembrar que essa visão não é uma reprodução fiel da história local, mas foi construída pelas experiências de diferentes gerações de moradoras(es). Luíza partilha dessa narrativa:

Em 18 de novembro de 1911, no sítio Quixaba, na Vila de Belém, hoje Uiraúna, na Paraíba, veio ao mundo mais um ser humano que recebeu o nome de Oriel [(1911 – 1970), padrinho de batismo de Luíza] e nasceu com o mesmo designio de tantos outros filhos daquela terra abençoada que deu inúmeros sacerdotes à Igreja de Deus no Brasil, ao ponto de ser considerada como o maior celeiro de padres, como de músicos do país. Isso lhe confere um enorme prestígio, projetando-a para além de suas fronteiras, para se tornar conhecida e celebrada na Paraíba e no Nordeste brasileiro. (SOUSA, 2019, p. 39 – 40)

O texto acima trata de um dos sacerdotes formados na cidade. Partindo da imagem desse sujeito, Luíza concorda que Uiraúna seria seleiro de padres e religiosos. Ainda, ela não deixa de convergir para outro traço dessa narrativa:

Comecei esta crônica abordando o Centenário de nossa banda de música, cuja história revela o talento musical dos uiraunenses, que contribui para tornar Uiraúna a “terra dos músicos e sacerdotes”, em razão do grande número de padres que saem de lá e do reconhecido talento de seus músicos. Existem, na cidade, quatro bandas e uma Escola de Música que forma jovens profissionais, o que ajuda a manter a posição de destaque de Uiraúna na vida cultural da Paraíba com grande repercussão no país. (SOUSA, 2019, p. 49)

Por meio de um tom de exaltação Luíza reconhece as bandas como parte essencial de sua cidade. A imagem de Uiraúna surge como parte de sua identidade regional e para reafirmar a origem de um senso crítico e atividade militante. Ao utilizar de perspectivas como essas, Luíza agencia seus pertencimentos de origem para compreender a si e dar legitimidade aos seus projetos pessoais, refletindo sobre o seu presente e construindo planos para o futuro. Seja como for, o espaço também é um meio pelo qual os indivíduos e os grupos apoiam as suas memórias (HALBWACHS, 2006). Nesse sentido, pontos de referência locais servem para dar apoio a narrativas coletivas. Da mesma maneira, a cronologia da história de Uiraúna seria utilizada para dar sentido às lembranças grupais de seus habitantes (HALBWACHS, 2006), além de elo de

---

<sup>8</sup> Na revista *Leia FELC* há artigos que ressaltam a trajetória de sacerdotes. Cito: CARVALHO, Félix de. Considerações sobre a parábola do filho pródigo. *Leia FELC*, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018; SILVA, Teresina Claudino da. A teologia do abraço. *Idem*; FERNANDES, Severina. Padre Anacleto: o inesquecível servo de Deus. *Idem*. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

<sup>9</sup> Cito os seguintes textos na revista *LEIA FELC*: SOUSA, Eliza Fernandes de. Tributo ao talento musical de Nick Brayan Costa Fernandes. *Leia FELC*, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018; EDITORIAL. *FELC* Comemora os 10 anos na BAMAJA. *Idem*; DUARTE, Josany. Ser músico na terra dos músicos. *Idem*. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

coesão de suas lembranças e identidades (POLLAK, 1992). Por fim, observar como nossa personagem especializa e temporaliza suas vivências ajuda-nos a analisar como ela se insere num grupo determinado e costura suas identidades, remetendo à Paraíba e à sua nordestinidade.

### **Atuando com trabalhadoras (es) e moradoras (es) da periferia**

Chegando em Campina Grande, Luíza conseguiu emprego na educação em uma instituição religiosa com a ajuda de uma amiga que era freira. Como mulher, ela poderia se aproximar com mais facilidade desses grupos, o que lhe auxiliaria a construir uma rede de sociabilidade e se tornar docente em uma instituição católica, conseguindo arrecadar dinheiro para trazer sua família à cidade. Dentre as clérigas presentes na cidade, Erundina se aproximou de Irmã Zuleide Porto,<sup>10</sup> a qual lhe auxiliou nesse e em outros momentos. Ao tratar do assunto em entrevista, esses laços foram levados em consideração:

Trabalhei em uma loja de secos e molhados, como se diz, que era de um parente meu, um primo meu. Foi meu primeiro emprego (...). Fiquei um tempo com esse primo meu e depois uma amiga minha, freira, irmã de caridade, conseguiu um trabalho para mim na própria escola onde ela trabalhava. Ela dirigia essa escola e eu fui lecionar nessa escolazinha. Fazia de tudo. Canto orfeônico. Enfim, trabalhava em várias coisas naquela escola. E foi um meio que tive para ajudar a manter minha família e estudar à noite. Eu fazia o curso colegial à noite, o curso científico de três anos. Eu trabalhava durante o dia e estudava à noite em um colégio estadual (SOUSA, 2002, p. 4).

O trabalho rural surge como constituinte do cotidiano da família de Luíza. Percebendo a distância de seu pai, ela se compreende como mantenedora de seus pares, o que pode ter se fortalecido após o falecimento dele em 1964. Mesmo assim, a opção por auxiliá-los financeiramente aparece como algo que a impossibilitou de ingressar no Ensino Superior, rompendo com seus projetos de se tornar médica. Seguindo o relato, ela atribui novamente à sua tia a possibilidade de estudar:

Retomo a minha trajetória de migrante a partir de 1964, quando pude me transferir para João Pessoa, para me matricular na universidade. Renunciei à medicina porque em todos aqueles anos tive experiências que me orientaram para outra direção. Quis me tornar assistente social. Tive um contato decisivo com numerosos aspectos do meu Nordeste quando trabalhava como assessora, em Campina Grande, do secretário municipal de Educação e depois como funcionária do Departamento de Serviço Social. Em 1958, ano de terrível seca, viajei por todo o estado da Paraíba acompanhando o governador José Américo de Almeida, Lembro-me de sua mala cheia de dinheiro que distribuía

---

<sup>10</sup> Irmã Zuleide Porto (1919 – 2007) era uma freira vicentina que teve atuação religiosa e profissional na cidade de Campina Grande (PB). Auxiliou na formação e consolidação da Escola de Serviço Social de Campina Grande em 1958 e construiu laços de amizade com Luíza Erundina de Sousa naqueles anos.

inutilmente à gente atingida pela seca, que quase morria de fome. As cenas que vi naquela ocasião me marcaram por toda a vida (...). O fato de ter vivido e estudado na capital, mais uma vez morando com tia Tina Rosa e prima Irene, deu uma reviravolta decisiva na minha trajetória. As minhas atitudes profissionais assumiram caráter político (BIMBI, 1996, p. 26 – 27).

Luíza entende que seus empregos da década de 1950 lhe auxiliaram a cursar Serviço Social e, para tanto, faz uma retrospectiva dos eventos que considera mais importantes em sua carreira profissional. Analisando esses fatos, devemos lembrar que a partir de suas amizades com religiosas e sua experiência na docência, Luíza pôde se aproximar do secretário municipal Edvaldo do Ó,<sup>11</sup> tornando-se sua assessora e vindo a participar em 1958 do projeto de instalação da Escola de Serviço Social de Campina Grande.

Nesses anos, os debates em torno do Serviço Social se pautavam na atuação conjunta com o Estado, fazendo com que essas profissionais visassem construir projetos e políticas públicas em prol do desenvolvimento nacional (IAMAMOTO e CARVALHO, 2006, p. 340 – 341). Em meio a tais reformulações teóricas, o Movimento de Reconceituação questionava a proximidade do Serviço Social com a Igreja Católica, visando uma intervenção crítica e opondo-se ao modelo assistencialista então vigente (SILVA et al., 2016). Transferindo-se para a UFPB em João Pessoa (PB), Luíza foi mandada para um período de estágio no bairro do Cordão Encarnado, onde trabalhou até 1966, quando se formou. A partir desses repertórios, Erundina se muda para São Paulo em 1968, para iniciar o seu mestrado na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP – SP). Segundo Iamamoto e Carvalho (2006, p. 346 – 347), a partir da década de 1960 muitos assistentes sociais passaram a se pautar em leituras da Psicologia Social, o que auxiliaria na formação dos repertórios de Luíza, na medida em que ela estudou em um período de efervescência desses debates. Em suas memórias:

(...) havia um conflito. Nós já estávamos com um engajamento na ação social concreta, com o povo. (...). E aí houve um conflito porque a gente às vezes sabia mais do que alguns dos professores. Sabia mais no sentido das questões que estavam postas na realidade, ali, naquele momento. Então, eram tensas as relações dentro das faculdades, em Campina Grande e em João Pessoa, particularmente em João Pessoa. Havia esse conflito entre uma geração que estava crescendo a partir de outras referências, de outros compromissos, de outra visão de mundo, de sociedade, e com um curso, no caso de João Pessoa, que era mais antigo, com uma marca religiosa muito forte (...). Lembro-me de um caso, me parece que foi em Campina Grande. O Serviço Social tem uma

---

<sup>11</sup> Edvaldo de Souza do Ó (1929 – 1993) foi secretário municipal na prefeitura de Campina Grande. Atuou como jornalista e dirigiu um jornal de grande circulação na cidade. Candidatou-se em mais de um momento para a prefeitura, mas não obteve êxito. Luíza trabalhou com ele no período da fundação da Escola de Serviço Social de Campina Grande.

marca feminina muito forte, é predominantemente constituído de mulheres. E tinha um rapaz que queria fazer o curso de serviço social. Aquilo foi motivo de um grande conflito, porque nós éramos favoráveis e na faculdade (...) (SOUSA, 2002, p. 10 – 11).

Luíza se utiliza de uma noção reconceitualista para entender a sua graduação. Para tanto, ela diz que buscou uma atuação engajada com a periferia e o campo. Percebendo-se como rebelde, Erundina cita um caso no qual um homem queria entrar no curso de Serviço Social da UFPB, mas sofreu resistência por parte da direção, tendo, porém, o apoio de outras estudantes. Titulada Mestra, ela voltou à João Pessoa em 1970, mas foi perseguida. Retornando a São Paulo, morou na Saúde (bairro de classe média da Zona Sul), o que foi possibilitado pelas relações construídas pela professora e assistente social, a qual tinha amigas e familiares residentes na cidade. Sobre tais fatos, Luíza diz em uma entrevista que:

Eu tinha horror daquela cidade. Era uma violência, uma violência em todos os sentidos: o trânsito, aquela invasão de informações.... Embora eu já conhecesse Recife, era outra coisa. E eu não estava disposta a viver ali (...). Fui trabalhar nas favelas e aí foi fantástico, porque fui trabalhar com aquela população, com o povo que vinha do campo. (...) Grandes levas de pessoas começaram a migrar para os grandes centros urbanos, principalmente para São Paulo, e eu fui trabalhar nas favelas. Não eram exatamente as mesmas pessoas, mas era o público com quem eu trabalhei na luta pela terra no campo. Quando cheguei, encontrei o mesmo povo lutando por um pedaço de chão para morar (SOUSA, 2002, p. 16).

Luíza nota uma linha de continuidade entre a sua militância na Paraíba e o trabalho em São Paulo. Mudando-se definitivamente para esta cidade em 1971, seu capital acadêmico não anulou a possibilidade de sofrer discriminação devido à sua origem, sendo que posteriormente ela foi vista de maneira pejorativa pela imprensa. Em uma matéria da revista *Veja* (1988, 34), escrita após a vitória de Erundina para a prefeitura de São Paulo, uma militante do PT relatou: “Tínhamos medo do desastre que representaria a candidatura, em São Paulo, de uma paraibana, mulher, xiita e, principalmente, solteira” conta uma intelectual do partido. Era demais.” Se por um lado não podemos negar que esses pontos de vista estavam presentes no cotidiano da agremiação (SECCO, 2011), por outro devemos questionar as intenções dos redatores da revista, os quais apresentam um olhar agressivo com relação às candidaturas petistas e reforçavam muito dos preconceitos de raça, classe e gênero presentes na sociedade paulistana. De acordo com Lia Vainer Schucman (2012), a branquitude possui escalas e hierarquias e na sociedade paulistana expressa-se pela discriminação a nordestinas(os) e na e na exaltação ao que for associado ao europeu. Contudo, elas devem ser vistas como fruto de uma conjuntura sócio-cultural local

(CARDOSO, 2017). Se pela raça e o fenótipo Luíza é branca, não o é da mesma forma na capital paulista.

Como funcionária administrativa, Erundina somente passou a atuar como assistente social após realizar um concurso público para ingressar no funcionalismo municipal paulistano. Assim, trabalhou em Guaianazes (Zona Leste) e em favelas próximas à Vila Maria (Zona Norte). Em 1973 conseguiu emprego nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) (SOUSA, 2002, p. 22 – 23), onde lecionou no curso de Serviço Social até 1982, quando foi demitida após ser eleita vereadora em São Paulo. Na construção da narrativa de Luíza, a militância passa por toda a sua trajetória. Apresentando-se dessa forma, ela entende que não apenas a atuação com moradores das periferias urbanas, mas a sua atividade docente também faria parte de um projeto maior de intervenção social.

### **Considerações Finais**

As identidades são construídas e reformuladas por diferentes motivos e em momentos distintos por meio de experiências de classe, gênero ou origem, as quais seriam transmitidas por meio da família, do trabalho, do estudo ou de amigas(os). Elas também são geridas pelo contato que veio a ter com olhares externos na cidade de São Paulo (WEBER, 2004). Em meio a tal processo de autoconstrução, Luíza teve muitos de seus repertórios gestados ainda na Paraíba, mas a maneira como ela se percebe também advém daquilo que presenciou posteriormente, o que inclui seus deslocamentos. Dessa maneira, parte da imagem de Erundina sobre a sua “nordestinidade” veio das relações construídas em São Paulo na medida em que era reconhecida pelo entorno como uma mulher paraibana. Nesse jogo de trocas, ela pôde selecionar fatos para construir sua autoimagem e, ao ouvir as lembranças de outras(os) migrantes, compor memórias e reformular suas identidades (THOMSON, 1997).

Como uma mulher branca, Luíza não deixou de fazer parte das relações sociais pautadas pela raça. Durante muito tempo, as pessoas brancas não tiveram que atender como tal, sendo identificadas por outros fatores para além da cor de sua pele. Assim, devemos estabelecer os locais a partir dos quais nossa biografada fala e como as pessoas à sua volta a viam (SILVA, 2017). Em suas memórias, Erundina recorda das discriminações que sua irmã mais velha sofreu por ser negra: “Tatica, minha irmã de criação, que era negra e se casara com um negro, teve de ir morar com ele na rua dos Negreiros, não que meus pais a obrigassem a ir para lá, pois a tinham como filha, mas porque, naquele tempo, era costume e tido como natural” (SOUSA, 2019, pp. 29

– 34). Tal narrativa nos faz refletir sobre as diferenças entre as barreiras e possibilidades de cada uma. Contudo, não tivemos acesso a outros dados sobre o racismo em Uiraúna, mas podemos dizer que por ser branca/loira Luíza teria um campo de possibilidades maior para se inserir socialmente em sua cidade do que pessoas negras. Mesmo assim, não podemos tomar esse dado como uma regra ou fatalismo, mas entender que esses sujeitos poderiam se utilizar de outras estratégias e fatores para realizar seus projetos. Ao mudar-se para o sudeste, ela seria identificada como “menos branca” devido às discriminações existentes contra os migrantes nordestinos (SCHUCMAN, 2012), o que se manifestou principalmente no momento em que nossa personagem ganhou visibilidade.

Sobre as relações de gênero, ela construiu inicialmente a sua percepção enquanto mulher no contato com a família e vizinhas(os). Além do mais, assim como outras mulheres nordestinas, Luíza viveu em um período de debates que questionavam a centralidade da maternidade nas concepções de feminilidade (VASCONCELOS, 2006). Todas essas referências e relações moldaram a identidade de gênero de Luíza, a qual pôde se notar como rebelde ao ter optado em não ter filhos ou se casar. Assim, ela se compreende como representante de pautas de mulheres por interpretar posteriormente as opressões pelas quais passou e identificá-las com as experiências de outras pessoas. Apesar de se perceber como uma questionadora nata, não podemos dizer que Erundina nasceu com um olhar crítico sobre a sociedade, mas que teve contato com certas discussões nos períodos por ela vividos e nos grupos pelos quais circulava. Sendo assim, suas percepções acerca de um ideal de sociedade devem ser vistas como fruto de fatores espaço-temporais. Por fim, ao ter migrado em mais de uma ocasião, Luíza pôde perceber as opressões pelas quais passou, reformulá-las e assim identificar-se como mulher, nordestina e militante, criando novos projetos e atuando no PT (1980 – 1997), no PSB (1997 – 2016) e no PSOL (2016 -).

### Fontes:

ATHAYDE. O Retirante. s/d. In: ATHAYDE, João Martins de. **Cordel**. Seleção de Mário Souto Maior. São Paulo: Hedra, 2000.

BIMBI, Linda. **Uma veia de utopia**: a trajetória de Luiza Erundina de Sousa. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CARVALHO, Félix de. Considerações sobre a parábola do filho pródigo. **Leia FELC**, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

EDITORIAL. FELC Comemora os 10 anos na BAMAJA. Idem; DUARTE, Josany. Ser músico na terra dos músicos. **Leia FELC**, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

FERNANDES, Severina. Padre Anacleto: o inesquecível servo de Deus. **Leia FELC**, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

GALIZA, Gentil. Ainda tem sertão no sertão? **Leia FELC**. Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino, Ano XII, edição nº 12, janeiro de 2018.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. **Asa Branca**. Vou pra Roça (Disco de Vinil). Duração: 2:51 mins. 1947. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/> Acesso: 17/12/2019 às 23:00 hrs.

JALES, Suzane. O menino de Uiraúna que ganhou o mundo. **Leia FELC** (encarte especial Ciro Fernandes). Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino, Ano XII, edição nº 12, janeiro de 2018.

S/A. A vitória da fera Radical. **Veja**. Ano 21, nº 47, São Paulo: Editora Abril, 23 de novembro de 1988.

SILVA, Teresina Claudino da. A teologia do abraço. **Leia FELC**, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

SOUSA, Eliza Fernandes de. Tributo ao talento musical de Nick Brayan Costa Fernandes. **Leia FELC**, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

SOUSA, Luiza Erundina de. **Luiza Erundina (depoimento, 2001)**. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista567.pdf> Acesso em: 12/07/2019 às 16:20.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de uma história (in) comum. **Leia FELC**. Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

\_\_\_\_\_. Uiraúna na “Era do Rádio”. **Leia FELC**, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

\_\_\_\_\_. Rua os Negreiros (2011). In: **Um hino de amor a Uiraúna**. Teresina; Halley, 2019.

\_\_\_\_\_. Centenário do Monsenhor Oriel (2013). In: **Um hino de amor a Uiraúna**. Teresina; Halley, 2019.

\_\_\_\_\_. Festa na “Morada do Pássaro Preto” (2014). In: **Um hino de amor a Uiraúna**. Teresina; Halley, 2019.

#### Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE FILHO, Ronald de Figueiredo. **Cidade, Seca e Campo de Concentração: O início da modernização em Crato, Ceará (1900 – 1933)**. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2015.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Projeto História**, São Paulo n. 14, p. 125 – 136, 1996.

BACK, Lilian. A vanguarda revolucionária tem dois sexos: gênero e moral nas esquerdas armadas brasileira e argentina. Os casos da ALN e do PRT-ERP. **Perseu: História, memória e política**. Nº 7, ano 5, p. 10 – 39, novembro de 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

CALLADO, Alisson Gomes. **O hino do sertão: a identidade nordestina em “Asa Branca”**. 2013. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.

CARDOSO, Lourenço. O branco não branco e o branco-branco. In: MÜLLER, Tânia MP et CARDOSO, Lourenço (orgs.). **Branquitude** – estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: dilemas da interpretação. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

FONTES, Paulo. **Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

GOMES, Angela Castro de. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo: Cortez [Lima, Peru] CELATS, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MONTEIRO, Thiago William Nunes. **'Como pode um povo vivo viver nesta carestia': o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982)**. São Paulo: Humanitas, 2017.

PINTO, Céli Regina J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, Augusta. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). **Opinião Pública**, v. 24, n. 1, p. 178-208, 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, nº 3, p. 3 – 15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Revista Estudos históricos**, v. 5, nº 10, p. 200 – 212, 1992.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, 1997.

POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela Literatura de Cordel (1900 – 1940)**. Dissertação (Mestrado). Departamento de História – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2012.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, p. 47-59, 2001.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo. 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, nº 16, p. 71 – 99, 1991.

SECCO, Lincoln. **História do PT**. São Paulo: Ateliê editorial, 2011.

SILVA, Anália Barbosa; SILVA Diego Tabosa; SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. O Serviço Social no Brasil: das origens à renovação ou o “fim” do “início”. **4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais: 80 anos de serviço social, tendências e desafios**. Belo Horizonte: CRESS-MG, de 19 a 21 de maio de 2016.

SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: reflexões sobre o campo de estudo. In: MÜLLER, Tânia MP et CARDOSO, Lourenço (orgs.). **Branquitude – estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo memórias: questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, Vol. 15, p. 51 – 71, 1997.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. **Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1970 – 1990)**; Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2006.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WEBER, Regina. O avanço dos "italianos". **História em revista**. Pelotas, RS. Vol. 10 (dez. 2004), p. 75-94, 2004.